

Vozes sociais no ambiente escolar: uma análise dialógica de redações

Adriana Rodrigues de Abreu (PUC-Rio)¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o discurso de alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de São Gonçalo. O trabalho foi desenvolvido de acordo com pressupostos teóricos da abordagem dialógica de Bakhtin (2003), em interface com a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) e com a Teoria da Avaliatividade (Martin e White, 2005). O *corpus* analisado é composto por cinco redações e a pesquisa consiste em uma metodologia de natureza qualitativa e de cunho interpretativo (Denzin & Lincoln, 2006), em que será analisado o posicionamento dialógico dos alunos sobre a importância da escrita para a inclusão social, através de recursos linguísticos e discursivos. A análise mostra que a apropriação das vozes alheias ajuda na construção do conhecimento do aluno. Por outro lado, é possível perceber que muitos se distanciam do gênero em questão, apontando para uma produção escrita aquém da esperada para o nível de estudo investigado. Em contraposição, os alunos concedem à escrita um grande valor, entendendo ser estreita sua relação com a inclusão social. Esses resultados levam à reflexão sobre a importância de se trabalhar com textos em sala de aula.

1. Introdução

Reconhecendo a importância da linguagem, mais especificamente em sua modalidade escrita, para a sociedade moderna, este trabalho surge a partir de reflexões acerca do ensino de língua portuguesa. Muitos estudiosos (Dutra 2011, Gouveia, 2009) têm questionado o ensino da escrita na escola básica, mostrando que a gramática vem sendo privilegiada como objeto único e suficiente em si. A prática de produção textual, fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade, é substituída pela apresentação e memorização de aspectos puramente gramaticais. Contudo, a aquisição da habilidade escrita requer que o aluno tenha contato com textos em diversas situações de aprendizagem (Brasil, 1998). Deixar de usá-los em sala de aula é desconsiderar a natureza social da escrita.

Sabemos da importância da escrita, pois ela é tida como uma das principais responsáveis pela inclusão do sujeito na sociedade. Podemos dizer que, hoje em dia, a falta de seu domínio pode levar o indivíduo a perder grandes oportunidades de inserção em determinadas práticas sociais. Todavia, apesar do grande valor atribuído a ela, ainda faltam recursos para um ensino da modalidade escrita que permita ao discente desenvolver uma sólida habilidade para o uso da mesma em diferentes situações comunicativas. Logo, sabemos da importância da escrita no avanço da sociedade e da sua essencialidade para a inserção do indivíduo na mesma. Entretanto, o que não sabemos é se os alunos atribuem tamanho valor à prática escrita. Sendo assim, ficamos interessados em saber e entender a opinião dos alunos sobre a relação socialmente estabelecida entre a escrita e a inclusão social.

O presente trabalho surge, portanto, com o objetivo de descrever e analisar o discurso de alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de São Gonçalo, a fim de responder às seguintes questões: (1) como esses estudantes se posicionam em relação

¹ Artigo derivado de Dissertação orientada pela professora Adriana Nóbrega, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Puc-Rio, e financiada pela FAPERJ.

ao ensino recebido? (2) quais vozes trazem para construir tal posicionamento? Queremos analisar o discurso escrito (redações) produzido em sala de aula, por ser um campo vasto de investigação para, então, buscarmos entender os diferentes enunciados que circulam no contexto educacional.

2. Princípios teóricos que norteiam a pesquisa

A fundamentação teórica deste estudo baseia-se na ótica social de linguagem dos estudos dialógicos bakhtinianos (2003), em interface com a abordagem Sistêmico-Funcional de linguagem desenvolvida por Michael Halliday (1994) e com a Teoria da Avaliatividade de Martin e White (2005). Essas três perspectivas teóricas, então, se unem para formar o referencial teórico deste estudo, como será detalhado nas próximas subseções.

2.1. A teoria bakhtiniana de linguagem

Partindo da ótica discursiva, a perspectiva dialógica adotada nesta pesquisa está baseada na concepção de linguagem de Bakhtin (2003), que a considera um fato social, que se constrói no diálogo entre interlocutores reais, sendo o indivíduo considerado um ser histórico e social. Essa visão do homem em sua totalidade nos ajuda a entendê-lo dentro de uma sociedade, que carrega suas ideologias e crenças, por isso se constitui como um ser de múltiplos pensamentos e ideias. O indivíduo é construído a partir da linguagem, da mesma forma que a partir dela constrói a sua realidade. É por essa razão que entendemos que os discursos dos alunos aqui pesquisados recebem influência dos contextos sociais em que estão inseridos e dos discursos ideológicos que permeiam a sociedade.

Como o homem é concebido como um ser histórico e social, Bakhtin entende a linguagem a partir da situação concreta, levando em conta a enunciação e o seu contexto de produção. Assim sendo, o sentido é construído no discurso entre os participantes da interação, envolvendo a situação e o contexto. Com isso, a palavra vem carregada de expressividade e de juízos de valor, sendo, portanto, caracterizada como um fenômeno ideológico.

Entender o pensamento de Bakhtin requer um olhar voltado para as relações dialógicas que constituem o sujeito em seu diálogo com o outro. O cerne de todo pensamento bakhtiniano concentra-se na interação verbal e em seu caráter dialógico. Conforme ele postula:

(...) em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas, enfraquecidas ao extremo pelos limites dos enunciados, totalmente permeáveis à expressão do autor (Bakhtin, 2003, p. 299).

Dessa forma, podemos dizer que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, sendo o diálogo a forma básica de comunicação discursiva. Não há como pensar a linguagem sem levar em consideração essa relação dialógica que constitui qualquer discurso, pois um enunciado nunca será completamente novo, ele estará de algum modo, vinculado àqueles que o precederam ou ainda aos que o sucederão.

Sendo o dialogismo o princípio formador da linguagem, a polifonia, por sua vez, se caracteriza como o texto em que percebemos claramente o dialogismo, isto é, aquele em que são encontradas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que ocultam os diálogos que os constituem. O papel da polifonia na construção de sentidos é fundamental e a forma como o aluno utiliza outros enunciados em seu texto será objeto da presente análise. Perceber como os discentes constroem as suas opiniões e observar se essas estão baseadas em suas próprias experiências e/ou em discursos de outrem é fundamental para observarmos as diferentes vozes que estão imbricadas em seu discurso.

Por compartilhar com Bakhtin (2003) a visão polifônica de linguagem que proponho uma análise voltada para observar como diferentes vozes podem ser ouvidas nas redações analisadas, tendo em vista como ajudam na formação do posicionamento dos alunos. Cabe ressaltar que a noção de *voz*, utilizada neste trabalho, compreende a presença de diferentes consciências (discursos) que entremeiam os textos dos alunos pesquisados, sendo, portanto, originárias da influência de visões, crenças e valores que se constituem a partir do diálogo entre diversos enunciadores. Assim, o conjunto de discursos que compõem uma determinada visão (ex. a voz do senso comum) será objeto da presente análise.

Acreditamos que os sujeitos participantes desta pesquisa – ou seja, alunos do 3º ano do Ensino Médio – são seres sociais, que trazem as suas visões de mundo, carregadas de ideologias. Por esse motivo, entendemos que os seus discursos se caracterizam pelo diálogo contínuo de diferentes vozes, com as quais tiveram contato, sendo alguma delas aqui nomeadas.

Podemos perceber que o interesse de Bakhtin está no estudo da língua enquanto elemento de comunicação e de interação humana. Desse modo, a teoria bakhtiniana nos permite entender que o indivíduo constrói o seu posicionamento a partir da negociação com o interlocutor, ao mesmo tempo, que recebe influências deste. Como a enunciação é um ato responsivo suscitado pelo contexto de produção e pelas relações que ali são estabelecidas, poderemos reiterar a partir da perspectiva sociossemiótica de linguagem proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional e pela Teoria da Avaliatividade, a essencialidade do aspecto social na construção da linguagem.

2.2. A Linguística Sistêmico-Funcional e a Teoria da Avaliatividade

A concepção sociodiscursiva de linguagem, apoiada na filosofia de Bakhtin, que mostra a importância do aspecto social nos estudos linguísticos, em diálogo com duas correntes funcionais – a Linguística Sistêmico-Funcional e a Teoria da Avaliatividade – forma um quadro teórico que nos possibilita tratar a linguagem como resultado da interação social, isto é, como sendo construída por interlocutores reais situados em contextos sociais e em decorrência das experiências vivenciadas por seus participantes. Com uma perspectiva de linguagem que ressalta a importância do aspecto social na construção do discurso, compartilhamos com as três correntes mencionadas uma visão de linguagem voltada para as práticas sociais.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) está interessada nas relações sociais estabelecidas em contextos reais de situação, voltando-se para uma perspectiva semântica e funcional de linguagem. Por esse motivo, é, em sua essência, uma abordagem sociossemiótica que se preocupa com a linguagem como formadora de sentidos, bem como com a função que esses sentidos adquirem em seu uso (Eggins, 2004).

De acordo com Halliday (1994), a linguagem é um sistema de construção de significados, sendo um instrumento de interação social, cujo objetivo primeiro é estabelecer a comunicação entre interlocutores reais. A teoria sistêmica “é uma teoria de significados a partir de escolhas, através da qual a linguagem, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretado como redes de opções encadeadas (...)” (Halliday, 1994, p. XIV). Desse modo, tal perspectiva permite entender a linguagem como um sistema de escolhas linguísticas que cria significados.

A noção de contexto é, então, fundamental para a LSF, pois todo texto ocorre em dois contextos: o de situação e o de cultura. O *contexto de cultura* é amplo e envolve todos os possíveis sentidos de uma dada cultura e o *contexto de situação*, por outro lado, é particular, pois abrange a realização da linguagem em determinado contexto. Halliday (1994) mostra que o contexto situacional se caracteriza a partir de três variáveis – campo, relações e modo. O *campo* do discurso corresponde à ação social que está sendo desenvolvida e à natureza da ação; as *relações* do discurso se referem aos participantes da interação; e o *modo* do discurso diz respeito ao uso da linguagem, ou seja, como é a sua organização.

As três variáveis do contexto – campo, relações e modo – estão relacionadas a três metafunções, respectivamente: a ideacional, a interpessoal e a textual. A *metafunção ideacional* corresponde às representações, ao conteúdo do enunciado. A *metafunção interpessoal*, por outro lado, relaciona-se aos papéis sociais dos participantes da interação, a suas relações e negociações estabelecidas no discurso. Por fim, a *metafunção textual* compreende o uso da linguagem na organização do texto, incluindo o canal (falado ou escrito) e a forma retórica (persuasão, exposição, entre outros).

Este trabalho irá contemplar a metafunção interpessoal, pois o objetivo principal é observar como estão sendo estabelecidas as relações entre os participantes da pesquisa, atentando, mais especificamente, para a construção do posicionamento desses participantes. Para tal, a Teoria da Avaliatividade será aqui utilizada.

A Teoria da Avaliatividade é uma ramificação da Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente da metafunção interpessoal, no nível da semântica do discurso. Pautada nos fundamentos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), a Teoria da Avaliatividade é “um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e apreciações” (Martin, 2000, p. 145) e busca observar como o falante se posiciona diante dos acontecimentos do mundo. Nesta pesquisa, buscaremos observar como os alunos se posicionam em relação ao ensino da escrita em Língua Portuguesa nas escolas.

A Avaliatividade pode, então, ser descrita como um sistema da semântica do discurso ou como o uso avaliativo da linguagem, pois se preocupa com:

(...) o interpessoal na linguagem, com a presença subjetiva de escritores/falantes nos textos enquanto adotam postura tanto em relação ao material que apresentam como em relação ao material daqueles com os quais se comunicam. Preocupa-se com a forma pela qual escritores falantes aprovam ou desaprovam, se entusiasmam ou abominam, aplaudem ou criticam; e como eles posicionam seus leitores/ouvintes a fazer o mesmo. Preocupa-se com a construção de textos feitos por comunidades que compartilham os mesmos sentimentos e valores e com os mecanismos linguísticos usados para compartilhar as emoções, gostos e julgamentos normativos. (Martin e White 2005, p. 1, apud Nóbrega, 2009)

Logo, a Avaliatividade lida com os significados que são construídos durante as interações sociais, em contextos específicos de interação. Todos os significados, isto é, os

elementos avaliativos, são interpretados de acordo com os aspectos contextuais e socioculturais. A Teoria da Avaliatividade é composta por três sistemas/domínios que se inter-relacionam: ATITUDE, ENGAJAMENTO e GRADAÇÃO. O sistema da ATITUDE está preocupado com nossas emoções e posicionamentos; o ENGAJAMENTO trata da interação das vozes que envolvem as opiniões do discurso; e o sistema da GRADAÇÃO lida com a gradação dos fenômenos por meio da qual os sentimentos são ampliados e/ou atenuados (Martin e White, 2005, p. 35).

Neste estudo, abordaremos, mais especificamente, o sistema do ENGAJAMENTO, já que estamos interessados em observar as diferentes vozes presentes nos enunciados dos alunos. Tal sistema tem profunda relação com os trabalhos de Bakhtin (2003) sobre dialogismo. Como vimos anteriormente, Bakhtin considera que a linguagem é, essencialmente, dialógica, sendo o diálogo o elemento constitutivo de toda comunicação discursiva.

A interação entre o enunciador e as outras vozes pode ter maior ou menor intensidade, sendo, na Teoria da Avaliatividade, denominada de engajamento (envolvimento), que busca observar, exatamente, como o envolvimento é demonstrado nos textos. Martin e White (2005, p. 93) estão interessados em “saber até onde falantes/escritores dão créditos a falantes anteriores e de que forma eles se relacionam com aqueles”. Por isso, é importante entender que um enunciado nunca será completamente novo, ele sempre se remeterá a uma voz anterior. Mais uma vez, o sistema do ENGAJAMENTO se aproxima dos estudos bakhtinianos, no que diz respeito à natureza polifônica da linguagem. Afinal, todo texto se remete a outros textos e traz vozes sociais que o instituem.

Portanto, o ENGAJAMENTO se refere aos enunciados que se constituem com base em outros discursos, sendo, por esse motivo, respostas de enunciados anteriores, bem como uma antecipação de enunciados futuros. Nesse subsistema, são estudados os recursos pelos quais os falantes negociam enunciados, assumindo ou não determinado grau de responsabilidade pelo que diz. O falante pode utilizar uma *linguagem monoglóssica* – que se caracteriza como um enunciado de voz única, isto é, de um único enunciador, na qual não se reconhecem tonalidades dialógicas – ou uma *linguagem heteroglóssica* – que se constitui a partir do caráter dialógico da linguagem, isto é, a partir da noção de vozes que povoam os textos².

3. Metodologia de pesquisa

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em duas escolas públicas do município de São Gonçalo, cujo objetivo é investigar a prática de produção textual de alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O *corpus* é composto por textos dissertativos produzidos por alunos de duas escolas estaduais, uma de Formação Geral e outra de Curso Normal (Formação de Professores). Entretanto, para este estudo, selecionamos apenas as redações produzidas na escola de Formação Geral.

A escolha do texto dissertativo-argumentativo deveu-se por ser um dos gêneros que mais são enfatizados nos exames vestibulares. Sendo assim, todos os alunos que irão prestar o vestibular precisam dominá-lo com certa propriedade. Entretanto, esses estudantes não tinham

² O ENGAJAMENTO se compõe por muitas outras categorias, tais como: as noções de intravocalização e extravocalização e suas respectivas subcategorias. Como este trabalho não irá focar essas questões, não abordarei tais nomenclaturas aqui. Para mais informações, ver Martin e White (2005).

aulas de produção textual, seja por falta de tempo ou por ser algo muito trabalhoso. Por consequência disso, poucos alunos tiveram contato com esse gênero e muitos deles apresentavam dificuldades em produzi-lo. Essa realidade despertou meu interesse em investigar a produção escrita em tais contextos, uma vez que grande parte desses estudantes iria terminar a Educação Básica sem dominar um gênero tão importante socialmente.

As redações que farão parte da presente análise compreendem o primeiro texto produzido pelos alunos desde o início do projeto. Cumpre ressaltar que os alunos fizeram esse primeiro texto com o conhecimento que tinham acerca do gênero. Eles não receberam nenhuma explicação das principais características do texto dissertativo-argumentativo. Desse modo, muitas das redações aqui analisadas se distanciam das convenções do gênero, seja pelo uso de expressões coloquiais ou de marcas de oralidade. Entretanto, apesar desse distanciamento, é relevante investigá-lo, exatamente para mostrar que é necessário que o trabalho de produção textual seja desenvolvido em sala.

A proposta³ levada às escolas foi produzida com base na redação do Enem e de uma universidade particular renomada, sendo constituída por um artigo retirado da Internet, pela fala de um aluno do 3º ano de uma escola, por um texto advindo de um *blog* e por uma imagem, que foi retirada do “Google Images”. A redação deveria ser feita com base na seguinte pergunta motivadora: “Qual é a sua posição sobre o ensino da escrita em língua portuguesa na escola e sua importância (ou não) para a inclusão social?” Tendo em vista esse questionamento, o aluno deveria redigir um texto dissertativo-argumentativo, com, no mínimo, 25 e, no máximo, 30 linhas.

Para compor a presente análise, cinco redações, pertencentes a duas turmas distintas (turma A e turma B), da escola de Formação Geral foram selecionadas com o objetivo de analisar como o aluno se posiciona em relação ao ensino de língua portuguesa na escola, observando quais vozes trazem para construir tal posicionamento. Como as redações produzidas são extensas, apenas as partes que evidenciam, de forma explícita, a presença de vozes no discurso foram analisadas. Os textos escolhidos não foram modificados, permanecendo da mesma forma em que foram escritos. Em consonância com os princípios éticos, os participantes foram avisados da natureza da pesquisa e de que seus nomes não seriam revelados. Os nomes dos alunos foram substituídos por nomes fictícios e as redações foram enumeradas e colocadas em tabelas para facilitar a visualização.

Este trabalho, por conseguinte, consiste em uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa e de cunho interpretativo (Denzin & Lincoln, 2006), em que será analisado o posicionamento dialógico através de recursos linguísticos e discursivos. A abordagem qualitativa é fundamental para esta pesquisa, uma vez que permite observar as singularidades ou peculiaridades encontradas nos textos analisados.

4. Análise dos dados

A partir da análise de parágrafos retirados de cinco redações, discutirei as perguntas de pesquisa propostas para este trabalho e apresentadas no início do mesmo:

- (1) Como os estudantes se posicionam em relação ao ensino recebido?
- (2) Quais vozes trazem para construir tal posicionamento?

³ A proposta completa encontra-se em anexo no final do trabalho.

Com o objetivo de responder a estas perguntas de pesquisa, investigo os parágrafos em que é mais perceptível o diálogo entre as diversas vozes. Ao analisar as redações podemos perceber a presença de algumas vozes – reflexos da sociedade (Silva, 2005) – importantes para a construção do posicionamento do aluno e da presente influência do contexto social sobre a linguagem utilizada nos textos.

A primeira redação analisada tem como título “Educação ou desvalorização?” e foi escrita por Kelly. A aluna, em sua redação, constrói o seu texto com base em avaliações de valor negativo, mostrando uma crítica social muito forte ao comportamento dos governantes de nosso país em relação ao tratamento que os mesmos dão ao ensino. Com base nessas avaliações, a aluna traz a voz da experiência particular, em diálogo com as demais vozes sociais, para defender o seu ponto de vista, de que o descaso público com o ensino é visível (linha 1), gerando profundas consequências para os estudantes. Assim, podemos dizer que o sistema do ENGAJAMENTO, no que diz respeito à linguagem monoglóssica e heteroglóssica é evidenciado no texto de Kelly, no momento em que a aluna dialoga com enunciados compostos por uma única voz (aqui descrita como *voz do eu*) e com os inúmeros discursos presentes na sociedade (aqui caracterizada como *voz do nós*).

Redação 1 – “Educação ou desvalorização?": turma A, Kelly – 1º parágrafo.

1º parágrafo	1	No nosso país a educação é pouco valorizada. Os nossos governantes
	2	não querem enxergar que para formar bons profissionais precisamos de
	3	uma reforma urgente no que eles chamam de ensino.

No primeiro parágrafo (linha 1), Kelly constrói a sua tese: “No nosso país a educação é pouco valorizada”. A tese é composta por uma voz, relacionada a um posicionamento comum de que a educação no Brasil é pouco valorizada. Observamos que a aluna faz uma generalização, demonstrando uma opinião socialmente compartilhada e originária da realidade de vida que muitas das vezes ela mesma vivencia. Kelly é estudante de uma escola pública que é mantida pelo governo; provavelmente, por esse motivo, a aluna aborda, logo de início, o comportamento dos “nossos governantes”, que se estende no segundo parágrafo, apresentado a seguir.

Redação 1 – “Educação ou desvalorização?": turma A, Kelly – 2º parágrafo.

2º parágrafo	4	Observa-se claramente o descaso público com o ensino, através das
	5	gírias que tomaram as comunidades carentes, formando um novo
	6	idioma. Sem o preparo educacional necessário essas pessoas perdem
	7	grandes oportunidades no meio profissional, além de conviverem com
	8	uma realidade precária e violenta, optando pela vida criminosa.

No segundo parágrafo, Kelly continua avaliando o descaso público com a educação (linha 4) e traz uma nova avaliação, só que agora é referente aos moradores de comunidades carentes, que usam as gírias. Após declarar que “as gírias tomaram conta das comunidades carentes” (linha 5), a aluna, no sistema do ENGAJAMENTO, utiliza a linguagem heteroglóssica, representada por uma voz baseada em estereótipos sociais, uma vez que afirma que esse fato propulsionou a construção de um novo idioma. Os moradores dessas comunidades são, então, avaliados negativamente e, como consequência do descaso público, “perdem grandes oportunidades no meio profissional”. Tais pessoas, ao perderem grandes oportunidades no meio profissional, optam pela vida criminosa (*voz do nós*).

Redação 1 – “Educação ou desvalorização?": turma A, Kelly – 3º parágrafo.

3º parágrafo	9	Nos vemos abandonados, pois não estamos recebendo o preparo
	10	necessário na área educacional e muitas vezes sem percebermos
	11	adotamos um vocabulário totalmente sem sentido.

Em seguida, no terceiro parágrafo, Kelly, com base em uma linguagem monoglóssica, isto é, que está voltada para a voz da experiência particular, ao mesmo tempo em que está associada às demais vozes (linguagem heteroglóssica), se inclui na condição de “jovem abandonado”, uma vez que ela utiliza um pronome de terceira pessoa do plural. Ao se incluir nessa condição, traz a *voz do eu* e demonstra um sentimento de insatisfação com o descaso público. Podemos dizer, então, que toda crítica construída no decorrer da sua redação está baseada na *voz do eu* em diálogo, sobretudo, com as demais vozes sociais (*voz do nós*) encontradas em seu texto. Sendo assim, podemos afirmar que sua redação é resultado de um contexto de produção, que surge em resposta a enunciados anteriores.

Com os três parágrafos retirados da redação de Kelly, conseguimos observar que a aluna constrói o seu posicionamento a partir de vozes sociais, revelando, que a escrita é importante para a inclusão social, pois, como ela mesma afirma, “os nossos governantes não querem enxergar que para formar bons profissionais precisamos de uma reforma urgente no que eles chamam de ensino” (linhas 1-3). O fato de a estudante mencionar o papel dos governantes na situação atual nos remete a uma voz comum, isto é, a educação está em uma situação precária, pois a mesma não tem recebido investimento necessário das instâncias governamentais. Observamos que, para construir essa opinião comum, a aluna retrata uma

realidade que a nossa sociedade presencia (*voz do nós*) e que ela mesma também vivencia (*voz do eu*).

Da mesma forma, Anna Paula, em sua redação “A importância do estudo” também lança mão da *voz do eu*, junto com a *voz do nós*, para defender a importância da boa formação na inclusão social, evidenciando, assim, o sistema do ENGAJAMENTO, no que diz respeito ao uso da linguagem monoglósica e heteroglósica.

Redação 2 – “A importância do estudo”: turma A, Anna Paula – 1º, 2º e 3º parágrafos.

1º parágrafo	1	Ler e escrever faz parte do cotidiano das pessoas isso é a base, a peça
	2	fundamental hoje em dia e sempre para a convivência na sociedade.
2º parágrafo	3	A fala é muito importante para tudo pois é através dela que
	4	escrevemos adequado, e essa união é fundamental se sabemos falar
	5	conseguiremos escrever bem, e teremos um bom futuro pois para
	6	tudo que fizermos seja na escola, na faculdade, em um trabalho
	7	precisamos deles para agirmos e comportarmos adequadamente.
3º parágrafo	8	Vemos em jornal, televisão, revista... muitos jovens afastados das
	9	escolas por vários motivos e isso afeta o futuro do mesmo o que não
	10	pode ocorrer temos todos que dar uma chance para a escola e o
	11	ensino pois o mundo não está mais igual.

No terceiro parágrafo, Anna Paula utiliza a voz do discurso que circula nas grandes mídias, com intuito de corroborar a sua opinião, que é a importância da escola para o futuro dos jovens (linha 9). Observamos que a aluna quer enfatizar o papel da escola na formação do sujeito, assim como faz no quarto parágrafo, abaixo. A autora também coloca a escola como sendo vítima de um mundo desigual, pois ela acredita que os discentes, incluindo ela mesma, precisam “dar uma chance para a escola e o ensino” (*voz do nós*).

Redação 2 – “A importância do estudo”: turma A, Anna Paula – 4º parágrafo.

4º parágrafo	12	Hoje em dia temos que estudar e muito porque uma boa formação é
	13	necessário para conquistar um bom emprego e termos um futuro
	14	promissor bom : se não tivermos uma boa formação somos excluídos
	15	da sociedade pois a sociedade exige e atualmente exige muito.
	16	Antigamente não precisava tanto do estudo como hoje por exemplo
	17	meu pai trabalha em estaleiro ganhando bem e tem pouco estudo só
	18	se formou até a 8ª série.

Logo em seguida, no quarto parágrafo, ao utilizar uma realidade atual, a autora constrói o seu argumento com base em uma experiência particular, já que se inclui nessa realidade: “temos que estudar e muito” (linha 12). A partir do uso excessivo dos adjetivos “bom” e “boa” (quatro ocorrências), destacados no texto em negrito, nas linhas 12, 13 e 14, percebemos uma ênfase na voz do discurso que circula na sociedade globalizada, uma vez que há priorização do que é considerado bom, não em termos de satisfação pessoal/profissional, mas de satisfação financeira (*status* social). Não é por acaso que Anna Paula utiliza o testemunho do seu pai, para mostrar a ênfase na questão financeira (linhas 17 e 18). O uso do testemunho de um fato ocorrido com o seu pai (linhas 17 e 18), caracteriza a presença da voz da experiência particular, ou seja, a *voz do eu*. Mas para construir tal voz, foi necessário que Anna Paula utilizasse as demais vozes, como vimos acima, que juntas com a dela formou o seu posicionamento: atualmente, é necessário ter uma boa formação. Sendo assim, a aluna acredita que a leitura e a escrita são importantes para a inclusão social, como ela declara, mais especificamente, nos 1º e 2º parágrafos apresentados anteriormente.

Além de caracterizarmos a *voz do eu* e a *voz do nós*, observamos muitas outras vozes que estiveram presentes nas redações analisadas; por critérios de espaço, optamos por apresentar mais duas, deixando para trabalhos futuros a apresentação das demais vozes por nós nomeadas⁴.

Um dos discursos que identificamos com mais clareza foi o correspondente aos enunciados propagados pela Gramática Tradicional (GT), que estão voltados para o saber correto/adequado em contraposição ao saber tido como incorreto/inadequado, geralmente, aquele presente na fala/escrita coloquial. Sabemos que a noção de erro foi criada pelos elaboradores das primeiras obras gramaticais, que desprezaram as variedades não letradas, supervalorizando a língua escrita literária e criando, com isso, um modelo idealizado de língua distante da fala/escrita real (Bagno, 2007). Sendo assim, caracterizamos o discurso que ecoa o posicionamento presente na GT como sendo a *voz da gramática tradicional*. A redação “A importância da escrita” de Aline é um bom exemplo para observarmos a influência do discurso presente na GT, visto que a aluna enfatiza o uso da escrita formal.

⁴ Para obter mais informações a esse respeito, consulte-se o trabalho de Dissertação intitulado “Vozes de julgamento como pontos de argumentação na produção escrita de alunos do Ensino Médio: abordagem sociodiscursiva e sociosemiótica”, orientado pela professora Adriana Nóbrega na Puc-Rio.

Redação 3 – “A importância da escrita”: turma B, Aline – 4º parágrafo.

4º parágrafo	6	A maioria dos jovens de hoje em dia conseguem ter mais acesso à
	7	internet, e a grande maioria possui o MSN, o facebook, entre outras
	8	fontes de comunicação, porém, existe um grande erro dos jovens,
	9	abreviar palavras como por exemplo: você = vc. Isso prejudica
	10	muito na escrita formal do jovem. O que era para se bom (a
	11	comunicação e o exercer da escrita formal...) acaba sendo
	12	prejudicial , pois usam a escrita de forma errada , e isso pode causar
	13	um grande problema no futuro, porque na hora que forem fazer uma
	14	prova de vestibular na parte escrita não sabem usar a palavra na
	15	forma certa . Aí vejam como a escrita formal, a língua portuguesa é
16	de grande valor .	

A partir dos itens lexicais destacados em negrito, nas linhas 8, 9, 10, 12, 15 e 16, conseguimos perceber que Aline trabalha no eixo dicotômico que separa a norma padrão/formal das demais variedades, utilizando as noções de certo *versus* errado e bom *versus* ruim. Ao dizer, nas linhas 6, 7 e 8, que a Internet e os outros meios de comunicação têm exercido uma influência negativa na escrita formal de muitos jovens, que passaram a abreviar as palavras, a estudante mostra que a escrita padrão precisa ser a única ensinada nas escolas. A noção de adequação linguística não é levada em conta, assim como geralmente faz a Gramática Tradicional, uma vez que parece não haver a possibilidade de o aluno aprender a usá-la de forma diferente, a depender do seu contexto de uso. Assim, a escrita informal, presente, principalmente, na Internet, é descrita como prejudicial e errada, em oposição à escrita formal que é tida como certa e de grande valor.

Ao criar o seu posicionamento, Aline avalia negativamente o comportamento dos jovens que utilizam a escrita informal, uma vez que muitos deles terão dificuldades para usar a escrita padrão no momento em que forem fazer um vestibular (linhas 13 e 14). O discurso propagado pela Gramática Tradicional vem carregado de avaliações, já que há determinado preconceito contra aqueles que se afastam dos padrões estipulados pelos compêndios gramaticais. Desse modo, observamos que a estudante cria o seu posicionamento de que a escrita é importante para a inclusão social (linhas 15-16), a partir de vozes associadas à GT e também relacionadas às experiências vivenciadas por jovens que usam a Internet (*voz do nós*).

Outra voz bastante frequente nas redações analisadas corresponde aos discursos presentes em uma opinião comum, sendo aqui descrita como a *voz do senso comum*. A redação de Andressa, aluna da turma B, é um exemplo de um discurso baseado em uma opinião comum, conforme o excerto destacado a seguir.

Redação 4 – “Língua Portuguesa no nosso cotidiano”: turma B, Andressa – parágrafo único (linhas 1, 2 e 3).

Parágrafo único	1	Hoje para ter um bom emprego é obrigatório ter o ensino médio
	2	completo e até mesmo uma faculdade, pós graduação doutorado e
	3	outras coisas mais.

Nas linhas 1, 2 e 3, Andressa traz uma opinião comum: a de que é obrigatório ter estudos para conseguir um bom emprego. Ao trazer os níveis de escolaridade, a partir de uma sequência – ensino médio, faculdade, pós-graduação, doutorado – a aluna dá ênfase a escolaridade, o que é um posicionamento compartilhado por muitas pessoas que veem a educação como a salvação para os problemas sociais. Percebemos, também, que o discurso empresarial está sendo utilizado neste texto, como forma de corroborar o posicionamento da aluna, no momento em que ela traz o exemplo de “bom emprego”.

Bem como Andressa, Priscila, aluna da turma B, traz um discurso baseado no senso comum para construir o seu posicionamento, conforme podemos perceber no trecho apresentado abaixo, mais especificamente nas linhas 7, 8 e 9.

Redação 5 – “A importância da escrita”: turma B, Priscila – 5º parágrafo.

5º parágrafo	7	A sociedade em geral se preocupa mais com o dinheiro do que sua
	8	própria cultura, o Brasil se importa mais com coisas fúteis do que
	9	com a educação. A educação deveria ser obrigatória para qualquer
	10	profissão, deveria existir lei para todos terminarem a escola ou ter
	11	uma boa faculdade.

No momento em que diz que “a sociedade em geral se preocupa mais com o dinheiro do que sua própria cultura, o Brasil se importa mais com coisas fúteis do que com a educação”, Priscila traz uma opinião comum: a de que o brasileiro não se preocupa com coisas importantes. Com base em crenças, construídas a partir de avaliações negativas, a aluna descreve a população brasileira, e não apenas o país em si, como um povo que se importa mais com “coisas fúteis” do que com a própria educação. Tal visão do brasileiro, enquanto um ser que não pensa, é baseada em conclusões que se tornaram verdades universais, sendo, portanto, fruto do senso comum.

Por esse motivo, caracterizamos a presença daqueles discursos que permeiam todas as classes sociais e que acabam formando uma opinião pública (Abreu, 2006) como a *voz do senso comum*. Os textos que apresentam esse tipo de voz, geralmente apresentam crenças que circulam socialmente e que são partilhadas por classes sociais específicas ou mesmo diferenciadas.

Podemos dizer que as vozes caracterizadas e nomeadas nas redações dos estudantes – *voz do eu* e *voz do nós*, voz da gramática tradicional e voz do senso comum – vêm carregadas de crenças e posicionamentos ideológicos, uma vez que elas se compõem a partir de discursos

sociais. Por essa razão, a *voz do nós* está presente em todos os textos analisados, assim como a *voz do eu*, apesar dessa última não ser, muitas vezes, tão evidente. Entretanto, acreditamos que o posicionamento do aluno sempre estará presente em seu discurso, o que caracteriza a sua própria voz, mesmo que representada ou por um testemunho ou mesmo por uma avaliação. Além disso, a partir das vozes aqui descritas, encontramos o posicionamento comum de que a escrita é importante para a inclusão social, pelo menos no grupo de estudantes analisados neste estudo.

5. Considerações finais

A análise das redações mostra que a maioria dos alunos reconhece a importância da escrita nos dias de hoje, entretanto, muitos estão insatisfeitos com o ensino de língua portuguesa. Muitos dos participantes deste estudo acreditam que o domínio da escrita padrão é um dos principais responsáveis pela inclusão social. Por outro lado, apesar de concederem à escrita um grande valor, entendendo ser estreita sua relação com a inclusão, a produção textual dos estudantes se caracteriza pelo baixo domínio da norma padrão, apontando para uma produção escrita aquém da esperada para o nível de estudo investigado. Desse modo, parece que as habilidades e competências esperadas para a última etapa da Educação Básica (Brasil, 2000, p. 24), mais precisamente no tocante ao uso das diferentes manifestações da linguagem verbal, não têm sido tão enfatizadas em sala de aula.

Os resultados também demonstram que as redações se constituem como um discurso perpassado por diferentes vozes sociais. Muitas das vozes que circundam tais enunciados apresentam determinadas crenças e estereótipos, já que partem de interlocutores reais que estão situados em uma dada cultura. Logo, acreditamos que a apropriação das vozes alheias ajuda na construção do conhecimento do aluno, no momento em que há a interlocução entre o discurso previamente instituído e aquele vivenciado durante a sua trajetória de vida. Por outro lado, é possível perceber que muitos estudantes se distanciam do gênero dissertativo-argumentativo, aproximando-se muitas vezes de um relato de experiências pessoais, demonstrando como são heterogêneos os modos de apropriação das vozes. Tal distanciamento ajuda a comprovar que esse gênero não tem sido tão explorado em sala de aula, o que pode ocasionar falta de habilidade do discente com a escrita. Os alunos apresentam dificuldades de se adequar ao gênero, pois a produção textual não tem feito parte da realidade das turmas pesquisadas. Esses resultados levam à reflexão sobre a importância de se trabalhar com textos em sala de aula, apesar de todos os desafios, e não apenas com ensino de regras e estruturas gramaticais descontextualizadas da realidade do aluno, como parece estar ocorrendo em grande parte de nossas escolas brasileiras.

Por fim, acreditamos que a presente pesquisa torna-se importante para o ambiente pedagógico e tem grande relevância social, uma vez que busca incitar uma reflexão acerca do uso da linguagem escrita no contexto escolar. O trabalho com produção textual é fundamental para a construção de conhecimento dos alunos e contribui para a sua inclusão social, já que a sociedade cobra com frequência a habilidade escrita, por exemplo, nos exames vestibulares, concursos públicos ou empregos, além de o próprio aluno reconhecer a importância da escrita na sociedade contemporânea, conforme vimos neste estudo.

Referências

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso em 04 out. 2012.

DUTRA, V. L. R. Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba, 2011.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2004.

GOUVEIA, C. A. M. Escrita e ensino: para além da gramática, com a gramática. *Revista DELTA*, v. 25: especial, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London: Arnold, 1994.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In: Denzin, Norman. K.; Lincoln, Yvonna. S. (Org.) *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, ARTMED, 2006.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Org.). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: OUP, 2000. p. 142-175.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave/Macmillan, 2005.

NÓBREGA, A. N. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica*. 2009. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, A. F. O. *O gênero discursivo 'propaganda televisiva': Interações verbais na perspectiva bakhtiniana*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

Anexo – Proposta de redação

Muito tem se discutido sobre o ensino e uso da escrita formal em língua portuguesa e sua relação com a inclusão social. Os trechos abaixo selecionados tratam desse tema e têm por objetivo ajudá-lo a refletir sobre essa questão:

Ler e escrever faz parte do cotidiano de todas as pessoas, por isso a sua importância no convívio social. É através do uso da leitura e da escrita que o sujeito vai sentir-se incluso na sociedade e ser caracterizado como cidadão participante. Sabemos que um dos responsáveis pela socialização do indivíduo é a escola.

(adaptado de Santos, A. O. Disponível em www.artigonal.com em 27/01/2012)

“Acho mesmo que escrever é importante, quer dizer, saber escrever. Só que muita gente se esquece que há muitos artistas, jogadores de futebol e até empresários que nem tem o primeiro grau, mas acumulam muitos milhões em suas contas bancárias. E então, eu me pergunto: será que só escrever bem basta? Será que essa é a salvação? Será que é disso que eu preciso? Eu sei que só nascem um ou dois Sócrates e Pelés no mundo, mas quantas outras pessoas se saem bem sem estudar? Isso se chama ‘estrela’. Ou a pessoa tem ou não tem.”

(A.L.C. Estudante 3º ano Ensino Médio)

Se, já hoje, uma boa formação no ensino médio é necessária para a plena emancipação e a inserção na força de trabalho, nenhum país pode ter a expectativa de um futuro promissor se empurra para a margem tão grande proporção de seus jovens como nós o fazemos. E, na maioria dos casos, o jovem deixa a escola com um profundo sentimento de não pertença à sociedade e com a autoestima rebaixada, o que afeta profundamente o seu futuro relacionamento com essa mesma sociedade. As consequências estão à vista de todos.

<http://blogolitica.blogspot.com/2011/12/ensino-superior-exclusao-privatizacao-e.html>



- Tendo em vista as perspectivas apresentadas, escreva um texto dissertativo-argumentativo, entre 25-30 linhas, refletindo sobre a seguinte questão:

Qual é a sua posição sobre o ensino da escrita em língua portuguesa na escola e sua importância (ou não) para a inclusão social?

Dê um título criativo a seu texto e organize seus argumentos de forma clara, a fim de defender e sustentar seu ponto de vista.